



DESASTRE SEM PRECEDENTES

Tragédia climática pode criar refugiados ambientais e dar prejuízos ao agronegócio

MATEUS MORBECK/AFP/07-10-2020



Fogo na Chapada Diamantina.. Bombeiros do Instituto Chico Mendes de Conservação Ambiental atacam as chamas que, no ano passado, consumiram área de rica biodiversidade, na Bahia

ELISA MARTINS
E RAPHAELA RAMOS
brasil@oglobo.com.br
PROCEDÊNCIA

COMO ISSO IMPACTA O BRASIL

Amazônia

O Sul da Amazônia, que é área de fronteira agrícola e mais sujeita a desmatamento e queimadas, sofrerá um aumento do número de dias sem chuvas, passando por um processo de "savanização".



Cerrado

O bioma que já teve metade da sua cobertura vegetal original devastada passará por um maior período de secas e um aumento mais acentuado da temperatura. Na falta de vegetação para o gado e de chuvas para o cultivo, o agronegócio ficará seriamente prejudicado. Também fica comprometida a nascente da maioria de nossas bacias hidrográficas.



Nordeste

Aparece como uma das áreas com maior aumento da temperatura. Na prática, áreas semiáridas passam por um processo de desertificação. O clima hostil pode forçar o deslocamento de milhões de pessoas, os chamados "refugiados climáticos".



Sudeste

As chuvas ficarão mais intensas nessa região. Mas elas não compensarão a perda das correntes de umidade da Amazônia, pois serão chuvas intensas e irregulares. A previsão é de dias de intensa tempestade, com enchentes e desastres.



Aumento do nível do mar

O aumento do nível dos oceanos, provocado pelo aquecimento global, afeta especialmente cidades litorâneas. Capitais nordestinas, além de cidades como Rio de Janeiro e Santos sofrerão mais inundações e terão parte de suas praias engolidas pelo mar. Estruturas portuárias e urbanas também serão afetadas.



Biodiversidade

A Amazônia se aproxima do ponto de não-retorno, ou seja, um momento em que ela perderá sua capacidade de se regenerar, o que implicará na extinção em massa da fauna e da flora. O mesmo pode acontecer em outros biomas, como Cerrado e Caatinga.

Mais carbono

Algumas regiões da Amazônia, que enfrentam maior desmatamento, estão emitindo mais gases de efeito estufa do que armazenando, invertendo o seu papel natural, que é vital para conter as mudanças climáticas em todo o planeta e, especificamente, na América do Sul.

Fonte: Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC)

Os alertas do relatório lançado pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), da ONU, são um aviso para as capitais do Nordeste. Para as praias do Rio de Janeiro e cidades do Sudeste e Sul. Para a agropecuária no Centro-Oeste e no Norte. E são um grito derradeiro para a Amazônia. Todas as regiões brasileiras sofrerão, em menor ou maior grau, os impactos das previsões do documento, com a mais alarmante dando conta de um aumento da temperatura global de 1,5 graus Celsius já na próxima década. (Leia também nas páginas 20 e 21)

O Brasil está no centro de uma emergência que já afeta os biomas e sua biodiversidade, a vida no campo e na cidade, a economia, e que pode piorar se nada for feito, principalmente na redução do desmatamento e da emissão de gases do efeito estufa, dizem especialistas.

— Os alertas para o Brasil são em todos os aspectos. Aumento da temperatura, redução de chuvas, aumento do nível do mar, de eventos climáticos extremos e da vulnerabilidade das cidades — diz o físico Paulo Artaxo, professor da Universidade de São Paulo (USP) e integrante do IPCC.

O relatório não cita nominalmente os países, mas pela primeira vez detalha eventos esperados em cada região do planeta. E o Brasil, que responde por boa parte da América do Sul, aparece no centro das previsões de eventos climáticos extremos. Com um aquecimento

desses impactos — afirma Artaxo. — Veja a seca no Brasil central e que compromete a geração da hidroeletricidade. A cheia histórica do rio Amazonas. As enchentes mais frequentes em grandes cidades.

AGRONEGÓCIO SOB RISCO

O impacto na agropecuária brasileira é um dos mais alardeados. O prolongamento de secas e a diminuição do regime de chuvas, em contraste com enchentes em outras regiões, afetam diretamente plantações, criações de gado e a economia que gira em torno delas.

— As secas podem aumentar a competição por água, porque uma das estratégias poderia ser irrigar as plantações, mas de onde virá a água? Também há impacto no custo de alimentos. Me-xe até com a balança comercial brasileira — diz Mercedes Bustamante, professora da Universidade de Brasília (UNB) e integrante do Grupo Consultivo para a Crise Climática. — A ideia de um mar de soja, um mar de milho, são modelos que não vão caber mais nessas condições de clima. Vamos precisar da agricultura, mas com fragmentos de floresta bem conservados.

O aumento da temperatura ainda tornará mais frequentes os limiares de tolerância térmica que têm implicações na agricultura e na saúde humana, lembra a especialista. Ao mesmo tempo, a diminuição de chuvas em áreas já afetadas por estiagens, como o Nordeste, e o aumento de duração das secas, prejudicarão até a produção local para subsistência. É um dos fatores que pode contribuir para o aumento dos refugiados climáticos.

— Falamos de milhões de pessoas. Parte da população do Nordeste, por exemplo, pode migrar para o Sudeste e para a Amazônia — diz Carlos Ritl, pesquisador visitante do Instituto de Estudos Avançados em Sustentabilidade de Potsdam, na Alemanha, e ex-secretário executivo do Observatório do Clima.

O ambiente mais seco ainda provoca maior incidência de fogo, contribuindo para acentuar incêndios como os desta semana no pantanal mato-grossense, na região de Poconé (MT).

— Ao atender ocorrências como essa se vê a dificuldade de se combater um incêndio agravado em período de seca — conta Ane Alencar, diretora de ciência do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM). — O impacto (das mudanças climáticas) é direto nos recursos naturais e na inflamabilidade das nossas florestas, do Cerrado, do



“A ideia de um mar de soja, um mar de milho, são modelos que não vão caber mais nessas condições de clima. Vamos precisar da agricultura, mas com fragmentos de floresta bem conservados”

Mercedes Bustamante, professora a UNB e integrante do Grupo Consultivo para a Crise Climática

Pantanal.

As cidades também não estão livres dos desafios. No Norte e no Centro, haverá cada vez mais ilhas de calor. Enquanto isso, no Sudeste e no Sul, o aumento irregular de chuvas pode causar mais inundações e tragédias em regiões já sob risco de deslizamento. Outro fator preocupante é o aumento do nível dos oceanos. Cidades como Rio, Recife e Florianópolis podem ter praias engolidas pelo mar.

— Imagine os efeitos para um país com extensa área costeira e alta concentração de população nessas cidades — acrescenta Ritl. — A elevação do nível dos oceanos provoca ressacas mais fortes, e isso afeta a infraestrutura dessas cidades, como portos, ruas, avenidas, estradas. E vai exigir adaptações no sistema sanitário e no planejamento urbano.

O caminho para reduzir esse e outros impactos no país passa, inevitavelmente, pela redução do desmatamento, defende a vice-diretora da Coppe-UFRJ Suzana Kahn Ribeiro, membro do IPCC:

— A transição energética também é importante. Em vez de ir na direção de combustíveis fósseis, que é o que está acontecendo, deveríamos estar muito mais focados no uso maior de renováveis.

O relatório aumenta a pressão internacional sobre o Brasil, mas não garante ações do governo brasileiro.

— Já vivemos momentos bons em redução de desmatamento, mas hoje engatinhamos em compromissos. O governo Bolsonaro virou as costas para o tema — diz Marcio Astrini, secretário-executivo do Observatório do Clima, que compara a política ambiental brasileira e de países como Emirados Árabes e Rússia, que buscam vantagens nas negociações. — A pressão por mais ambição e mais cortes (na emissão de gases do efeito estufa) vai tomar a COP 26 (a Conferência do Clima, em novembro, na Escócia). Mas enquanto a China não descomissionar as usinas de carvão, enquanto Europa e Rússia não descomissionarem seus oleodutos, enquanto o Brasil não parar com o desmatamento da Amazônia, vamos continuar tendo relatórios com cenários cada vez piores.

O Ministério da Agricultura reconheceu que o relatório sinaliza “impactos alarmantes” para a agropecuária. E afirma que trabalha com metas de mitigação da emissão de gases do efeito estufa. Já o Ministério do Meio Ambiente enfatizou que o compromisso brasileiro foi com uma meta percentual de redução de emissões frente ao ano base de 2005. “(A meta) é uma das mais ambiciosas entre os países em desenvolvimento por abarcar a economia como um todo e apresentar metas intermediárias”, resumi o órgão.

Colaborou Eliane Oliveira